

ANTONIO TORRES E MIGUEL TORGA: VISÕES DO SERTÃO NO OLHAR DO MENINO¹

Marcelo Brito da Silva (UEFS)²

A infância é um momento privilegiado da vida de um escritor, de onde ele pinça retalhos de experiências que podem servir de pontos de partida para a aventura da ficção. No artigo de Aleilton Fonseca, cujo título começa sugestivamente em “Escreviver...”, ele destaca, tomando como exemplo dois contos de sua própria autoria, que

a vida nutre a ficção, as vivências da infância constituem materiais privilegiados. A criança vive situações e registra impressões que estão muito além de sua maturidade e, portanto fogem à sua compreensão mais profunda. Guardados na memória, essas impressões e registros afloram à mente do adulto que, então capaz de melhor compreender e, em alguns casos, encontrar significados e acomodações de sentido, tornam-se, para os escritores, elementos de recriação, forjamento e estruturação, como argamassa de escritos que se fundamentam na biografia, mas se estatuem como ficção. (FONSECA, 2005, p.77)

No prefácio de *Meninos, eu conto*, Antonio Torres escreve: “Estas histórias [...] são de outra era. Mas ainda compartilho os sonhos, os sentimentos e os conflitos desses meninos. Um dia eles e eu já fomos as mesmas pessoas. Ou por outra: até hoje me sinto como se fosse um deles.” (TORRES, 1999, p.10). Com efeito, o livro reúne três contos que remetem a experiências de uma infância sertaneja, com suas alegrias, frustrações e descobertas, narradas pela voz do menino ou que têm o menino como personagem principal. O que interessa ressaltar é que, como afirma Aleilton Fonseca, em resenha sobre o livro, os meninos das histórias e o narrador adulto se refletem na escrita, como num jogo de espelhos “e demarcam o seu distanciamento no tempo e a sua proximidade afetiva.” (FONSECA, *on line*) É pelo olhar do menino, ressignificado pelo narrador-autor³, que podemos investigar o imaginário do sertão que se emoldura no conto em apreço.

¹ Artigo apresentado como comunicação oral no *Seminário Narrativas de Viagens do Junco ao Mundo: 70 anos de Antonio Torres*, realizado nos dias 8 e 9 de setembro, na Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia.

² O autor é mestrando do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS e bolsista FAPESB.

³ Adotamos aqui o conceito de “autor implícito” proposto por Wayne Booth, no livro *A retórica da ficção*, segundo o qual não se pode apagar a presença do autor na obra. Para Booth, o narrador, assim como outros elementos da narrativa, são manipulados pelo autor implícito que é uma imagem do autor real criada pela escrita. (BOOTH, 1980).

Miguel Torga⁴, de modo análogo, ambientou muitas de suas histórias no interior rural de sua infância, em Trás-os-Montes. Nelas, encontra-se um painel de tipos os mais diversos, heróis e anti-heróis, homens, mulheres, velhos e crianças, que compartilham uma fraternidade de raiz e que emprestam aos contos um tema central, nas palavras de Oscar Lopes – a luta pela sobrevivência (*apud* SANTANA, 2008). Nesse mar de histórias torguianas, encontramos alguns contos que focalizam o olhar deslumbrado e às vezes desiludido da criança, que tentando entender o espetáculo da vida rural, traça um perfil do sertão português, que não se mostra muito diferente do sertão baiano das narrativas de Antonio Torres, onde as personagens vivem o calvário da enxada cotidiana.

Cid Seixas chama atenção para o aspecto autobiográfico que também sublinha as narrativas de Miguel Torga. Seixas argumenta que a ficção do escritor transmontano “[...] é construída a partir de *pedaços* vivos da realidade agreste da sua região natal. Os fatos mais insólitos e aparentemente criados pela fantasia são, na verdade, reconstituições de experiências vividas.” (SEIXAS, 1996, p.7).

Vale ressaltar que a ideia de memória que aqui desenvolvemos descarta a possibilidade de um resgate absoluto do passado. O passado é revisitado e ressignificado à luz do sujeito que lembra e que não pode desvencilhar-se dos condicionamentos do presente. Como explica Ecléia Bosi,

A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto das representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. (*apud* DIAS, 2006, p.33).

Com isso em vista, retomamos o pensamento de Aleilton Fonseca, quando afirma que a memória, ressignificada pelo escritor que recorda o passado, aponta para acontecimentos que fizeram parte de sua biografia, mas que, na verdade, ganham na

⁴ Miguel Torga, pseudônimo literário do médico Adolfo Correia da Rocha, nasceu em 1907, em São Martinho de Anta (Trás-os-Montes) e faleceu em Coimbra, em 1995. Sua obra multifacetada envolve poesia, conto, romance, diário, relatos de viagem e teatro. Destacou-se como contista, sendo apontado por alguns críticos como um dos maiores escritores do gênero na literatura portuguesa contemporânea.

escrita nova força e, principalmente, novos sentidos, ou seja, aqueles construídos pela arte da ficção. O impulso biográfico, assim, não pode ser ajuizado como um elemento que reduz ou limita o valor de uma narrativa ficcional.

O conto *Por um pé de feijão* começa com o menino narrador contando o caso da surpreendente abundância ocorrida certa feita no Junco⁵, traduzida numa colheita farta de feijão e numa paisagem a “explodir de beleza” (TORRES, 1999, p.31). Mas tal fartura é colocada, desde o início, como um caso de exceção: “Nunca mais haverá no mundo um ano tão bom”. (TORRES, 1999, p.31). A experiência era tão inusitada que o menino narrador se esquece até de frequentar a escola. “Agora dava gosto trabalhar”. (TORRES, 1999, p.31) Esse comentário ressalta *a contrario*, a luta muitas vezes sem compensações do homem com a terra do sertão.

A paisagem é retratada em harmonia com o povo a celebrar, extasiado, a generosidade da terra. A descrição do espaço lembra um cenário quase idílico, mas que mostrará os seus “poréns”, em consonância com a indagação da criança quase em tom de presságio: “Toda plantação parecia nos compreender, parecia compartilhar de um destino comum, uma festa comum, feito gente. O mundo era verde. **Que mais podíamos desejar?**” (TORRES, 1999, p.32, grifo nosso)

Daí, o menino discorre sobre a colheita, o armazenamento, os preparativos para a bata do feijão, todos a apostar num resultado cada vez mais otimista. Quando o menino retorna à escola, não entende a professora que fala em “perder o ano”, sendo que, para ele, estaria a ganhar o ano, já que aquela colheita farta era sinônimo de estabilidade e de dias sem fome. No entanto, ao voltar da escola, o menino testemunha o que para ele foi “a maior desgraça” (TORRES, 1999, p.33), ou seja, o espetáculo da colheita de feijão sendo toda consumida pelo fogo. A criança, tateando em meio àquela tragédia, procura entender e pesar o acontecido lendo o rosto e o palavreado dos pais: “Durante uma eternidade só se falou nisso: Deus põe e o diabo dispõe.” (TORRES, 1999, p.34) É interessante notar que o autor não “atualiza” a experiência do narrador, prefere manter o tom de inocência e de incompreensão para representar as reações do menino diante das circunstâncias: “E eu vi os olhos de minha mãe ficarem muito esquisitos [...] E vi os meninos conversarem só com o pensamento [...] e minha mãe

⁵ Terra natal de Antonio Torres, hoje Sátiro Dias, cidade situada no sertão baiano, a 205 Km de Salvador.

falando, falando e eu achando que era melhor se ela calasse a boca.” (TORRES, 1999, p.34).

Como observador daquele sofrimento que também era o seu, o menino narrador percebe a atitude do pai que, após um período de angústia silenciosa, resolve romper com o ciclo de murmurações da família e juntar os retalhos de esperança: “Deus tira os anéis, mas deixa os dedos. [...] Agora não se pensa mais nisso.” (TORRES, 1999, p.35) O menino nota a atitude do pai, e, solidário, pensa consigo: “O velho está certo.” (TORRES, 1999, p.35) Esse comentário derradeiro aponta para a vitalidade do homem sertanejo e sua resignação diante de um destino na maioria das vezes adverso.

Por um pé de feijão sintetiza talvez a primeira experiência de perda e de desilusão do menino sertanejo, que cedo na vida aprende a conviver com as privações. Não é só contra a escassez da terra e das benesses sociais que ele precisa lutar, somam-se a elas os golpes do destino.

O conto *O cavaquinho*, de Miguel Torga, posiciona o foco narrativo num menino pobre de dez anos de idade, que, a despeito da extrema miséria em que vive com os pais, recebe a promessa de que ganharia um presente no natal.

No transcorrer do conto, o narrador mergulha na psicologia do pequeno Júlio e revela uma mistura de esperança e apreensão, pois o sonho do presente poderia desaparecer sob a sombra de tantas privações. O enredo se desenvolve equilibrando de um lado a expectativa da criança e de outro, em contraste, a descrição tocante da pobreza e de uma atmosfera pressurosa cujo símbolo mais importante era o vento, como a avisar uma desgraça iminente.

Como o menino do conto de Antonio Torres, aqui a criança fica tão absorvida pelo ineditismo da experiência, que não se concentra nas tarefas costumeiras e perde até a fome, como lemos na passagem:

- Tu parece que andas parvo, rapaz!

A mãe não podia compreender o que significava para ele receber uma prenda - estender a mão e ver nela, não a malga de caldo habitual, mas qualquer coisa de inesperado e gratuito, que fosse a irrealidade da riqueza na realidade duma pobreza conhecida de lés a lés. Por isso se arreliou tanto quando o viu, ao almoço, virar a cara aos carolos, e ao meio-dia comer apenas o rabo de uma sardinha. (TORGA, 1996, p.61)

O narrador preserva a compreensão parcial e gradativa da criança, como ocorre em *Por um pé de feijão*. O menino acompanha o desespero crescente da mãe com a demora do esposo, que fora à feira dos 23 (Feira de Natal), para de lá trazer o presente. A mãe parece farejar a desgraça, que se torna concreta com a notícia trágica que encerra o conto:

O coração deu-lhe um baque. Então o tio Adriano voltava sozinho?!

Pôs-se a ouvir, como um bicho aflito.

E daí a nada sabia que o pai fora morto num barulho, e que no sítio onde caíra com a facada lá ficara ao lado dum cavaquinho que lhe trazia. (TORGA, 1996, p.63)

A surpresa tão desejada deixa de ser o presente e torna-se a crua e irreversível fatalidade. Um história tocante que, como ocorre também no conto de Antonio Torres, fala de um sertão de alegrias efêmeras, de uma realidade que deixa marcada a retina do menino que vive uma experiência ainda pouco compreendida.

Há nas duas representações do sertão o confronto entre o deslumbramento da criança e o lance reverso do destino. Mas a coincidência não se resume à perspectiva narrativa ou ao registro de uma desilusão. Quanto às questões formais, podemos aproximar os dois contos no que toca ao uso de uma dicção sertaneja que inclui o tradicional recurso ao provérbio, a uma sintaxe mínima e a opção por uma linguagem disfêmica que evita atenuações.

Verificamos nos dois contos a representação de um sertão que amadurece precocemente a criança e caleja cedo o seu olhar no sofrimento circundante. O sertão é o seu lugar, o seu chão, sua matriz identitária, seja o da Bahia, seja o de Trás-os-Montes, um espaço que lança o leitor no centro de reflexões que transcendem as fronteiras locais. Um sertão, em ambos os contos, marcado pelo isolamento, pelas privações e por relações interpessoais regidas por uma ética própria, forjada em modelos ancestrais. É o sertão de Torres. É o sertão de Torga. Separados por um oceano, mas próximos pela força de uma ficção que aponta para aspectos universais da condição humana.

REFERÊNCIAS:

BOOTH, Wayne. **A retórica da ficção**. Tradução de Maria Tereza H. Guerreiro. Lisboa: Arcáda, 1980.

DIAS, Márcio Roberto Soares. **Da cidade ao mundo**: notas sobre o lirismo urbano de Carlos Drummond de Andrade. Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, 2006.

FONSECA, Aleilton. Escrever: (Des)encontros da ficção com a biografia. In: BEDASEE, Raimunda. (Org.) **A (auto)biografia / L'(auto)biographie**. Edição bilíngue. Feira de Santana, BA: Universidade Estadual de Feira de Santana; Tours: Université François Rabelais, 2005. p.75-89.

FONSECA, Aleilton. **Antônio Torres: o estilingue da memória**. Disponível em <<http://www.antoniotorres.com.br/vida&obra.htm>> Acesso em 01.ago.2010.

SANTANA, Maria Helena Jacinto. Notícias do Paraíso: o povo rural nos contos de Miguel Torga. In: **ACTAS DO COLÓQUIO COMEMORATIVO DO NASCIMENTO DE M. TORGA**, (M. Fátima Marinho, org.), NEL – Studies in Literature, 8, Porto, FLUP / Munchen, Martin Meidenbauer, 2008, pp. 155-165.

SEIXAS, Cid. Os sonhos do sujeito e sua construção social. In: TORGA, Miguel. **Contos da montanha**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996, p. 1-8.

TORGA, Miguel. **Contos da montanha**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

TORRES, Antonio. **Meninos, eu conto**. São Paulo: Record, 1999.